Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20834
Tradução
Data de publicação: 27 de setembro

CARTA ABERTA A ESCRITORAS AFRODESCENDENTES DO FUTURO

FERNANDA FELISBERTO (TRADUTORA)
Departamento de Letras do Instituto Multidisciplinar da UFRRJ, Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultura e Sociedade (PPGPACS),Coordenadora do LEAFRO(Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas – NEABI/UFRRJ). Nova Iguaçu, RJ, Brasil –E-mail: fefelisb@ufrrj.br

RAFAEL DOS SANTOS LAZARO (TRADUTOR)
Departamento de Formação Docente do Instituto Multidisciplinar da UFRRJ, Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDUC), Vice-cordenador do LEAFRO (Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas – NEABI/UFRRJ) Tutor do Pet Conexões Baixada. Nova Iguaçu, RJ, Brasil –E-mail: rafaellazaro@ufrrj.br

MAYRA SANTOS-FEBRES (AUTORA)
Escritora residente da Universidade de Porto Rico, campus de Río Piedras (2026). Mayra Santos-Febres também é, atualmente, a Pesquisadora Principal para o desenvolvimento do Programa de Estudos Afrodiaspóricos e de Raça da Universidade de Porto Rico, o qual foi contemplado recentemente com um financiamento da Fundação Mellon para a diversificação acadêmica.
Como escritora, Mayra Santos-Febres conquistou numerosos prêmios e reconhecimentos internacionais, Sua obra literária foi traduzida para o francês, inglês, italiano, romeno, coreano, português e islandês. La otra Julia e sua novela mais recente.

Ouço a Gloria Anzaldúa, em sua "Carta aberta a escritoras do terceiro mudo". Penso: porque eu nunca tive medo de escrever? Nunca. Eu, uma preta retinta da 4ª de Country Club, criada entre os bairros os periféricos que minhas avós fundaram um clã e uma comunidade. De um lado *Sabana Abajo*, vizinhança que cresceu nas margens da Central Victória, onde meu avô Cristino dos Santos Bulerin foi engenheiro de caldeira e proprietário de uma parte.(Esse avô morreu antes de eu nascer). Do outro lado ficavam as *Parcelas Falú*- onde minha avó Clemencia Falu pariu e criou 9 filhas, antes que suas filhas mais velhas comprassem uma casa na "moderna" e vizinha urbanização da *Villa Prades.* (A Esteban Febres Ruiz, o outro avô, que eu também não conheci). Morrem cedo nossos homens em estas terras). Uma lagoa se estendia entre as duas comunidades, rodeada de manguezais e pastagens, braços de rio que a Modernidade tragou e foi convertendo em cimento. Foram meus avós que, junto com sua prole, levantaram o cimento do que sou, do que ainda pulsa entre as águas desse mangue, aparentemente seco, filtrando consciência.

Nunca tive medo de considera-me escritora porque, antes de mim, teve Julia Burgos e antes dela, Car-

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20834
Tradução
Data de publicação: 27 de setembro

men Alicia Cadilla. Porque entre Julia e eu, esteve Anjelamaria Dávila, forte professora do corte de verso; lição que aprendeu de Cesar Vallejo, dos cantores de décimas boricuas (porto-riquenhas), de Sylvia Rexach e de Julia. Porque no Uruguai escreveu Virgina Brindis de Salas nos anos 40 e em Cuba Georgina Herrera, a Grande Quilombola e Professora. Porque antes de todas elas existiu uma Maria Firmina dos Reis, filha de escravizada liberta, que se fez romancistas no século XIX no Brasil. Porque conheço e li centenas de escritoras negras de toda a diáspora africana. Nunca tive medo de me considera escritora, porque tive a sorte de saber os nomes e os países das negras letradas que fundaram nossa tradição literária em todo o Caribe e Afro-latinoamérica; tradução sólida que já conta com 200 anos de história. Tive o privilégio de saber quem me antecedeu. Sei que provenho do suor, da escravização, e da exploração, mas também de uma valentia inexplicável e da glória.

Elas escreveram em condições muito mais vulneráveis que eu. Muitas, a imensa maioria, foram apagadas da história. Outras tiveram que se exilar de seus países para poder serem consideradas escritoras; para que pudéssemos ler você eu. Eu não tive que deixar Porto Rico. Entro e saio, quilombola literária que sou, cada vez que o pais me asfixia. Conto com abraços da minha gente, de muitas mulheres que se reconhecem afrodescendentes, camponesas, crioulas, filhas de imigrantes, de trabalhadoras e trabalhadores, de povos originários silenciados, de todos as tonalidades de pele e de todas as procedências. Essas mulheres (em sua grande maioria) são as que me ensinam em suas aulas de espanhol, me levam a suas bibliotecas, me entrevistam, me convidam em seus clubes de leitura, me traduzem, escrevem sobre minhas obras. Construímos uma irmandade. Nos reconhecemos exceções à regra que quiseram implantar sobre nós.

Tive este imenso privilégio. Surgiu precisamente porque nunca tive medo de escrever. Teria sido com ter medo de respirar.

Muitas vezes me perguntaram quando decidi me tornar escritora. Eu minto, conto qualquer coisa, porque a verdade é que não sei o que responder. Escrever nunca foi para mim uma decisão, nem uma escolha "profissional". Foi um caminho dado. Herdei, penso eu, de todas as mulheres que me antecederam e das que me acompanham; antiguíssimas mulheres escuras que contavam contos ou cantavam perto do fogo, mulheres atuais que guardam seus trocadinhos para comprar um livro que "fale" com elas. Todas elas foram me encaminhando. Eu tive que seguir o impulso e o chamado. Questionar esse chamado teria sido como questionar respirar.

Houve tropeços neste caminhar da escrita. Porém, sem tropeços não há crescimento. Aprender a levantar-me, depois de esculpir a terra e ver brotar lágrimas e sangre é das melhores lições que a vida me proporcionou. Cai, por exemplo, na armadilha de pensar que, se escrevia muito e bem, podia chegar algum dia a ser uma Escritora Famosa. Era questão de ir ganhando prêmios (isso eu sigo fazendo, agora por outras razões), pensando (iludida eu) que algum dia as portas da Cidade Letrada se abririam de par em par para mim. Que seria reconhecida nos Centros da Cultura (assim com maiúsculas) se conseguisse convencê-los de que uma mulher negra pode ganhar todos seus prêmios literários. Não li as letras miúdas. Somente ganharia alguns prêmios. Meus textos somente seriam traduzidos por editoras "paralelas" em "alguns" selos literários. Seria sempre a "exceção". Assim descobri que escrever não é questão de mérito, mas das políticas de quem controla os discursos e

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20834
Tradução
Data de publicação: 27 de setembro

tendências, inclusive as literárias. Aprendi como funcionam os circuitos editoriais e de circulação da literatura. Por teimosa que sou, e porque não me dá vontade de escrever o que esperam de mim, também aprendi a enganá-los. Entro e saio, sempre quilombola literária, tentando abrir a porta lateral, ou a dos fundos, ou a da frente, par que por elas entrem também outras escritoras e escritores como eu, para falar de como respiramos palavras, de como as incubamos no corpo que recorda e pensa, de como vamos aprendendo o que a literatura não diz; corrigindo as histórias que foram mal contadas sobre nós.

Por isso, também fujo da forma. Ou seja, dessa literatura vazia que nos vendem como "profunda" e "inteligente", precisamente porque se afasta da vida. E isso é o que quer o capitalismo, não é? Que sejamos (bons, somente alguns) superiores na Vida. Razão Pura. Forma Pura, sem carne nem história. Transcendência. Essa literatura (com L maiúsculo, de "pedigree superior) abunda ainda entre nós. Muitas das minhas colegas escritoras caem na armadilha e a praticam, independentemente de sua etnia ou cor de pele. Passeando toda orgulhosa por livrarias e festivais, cheias de referências vazias a outras escritoras e escritores "universais", buscando "ohh" e "simm", provocando aplausos.

Claro que li Safo. Também a Catulo- esse eu gosto, por ser iconoclasta. E a Dostoieviski, Chejov, a Simone de Beauvoir e a Virginia Woolf e a tantos outros e outras.

De sua tinta me alimento. Mas também bebo da tinta de Wole Soyinka, de Ngugi wa Thiong'o, de Ohram Pamuck, Conceição Evaristo, Maryse Condé, Winfried N'sondé, Kenzaburo Oé, Angela Carver, Salman Rushdie, Audre Lorde, Clarice Lispector, Toni Morrison, Dhalma Llanos, Elena Poniatowska, Laura Retrepo, Malú Urriola (minha Malú), Perla Suez. Obrigada a elas e eles, já não caio na armadilha de sempre duvidar de minha "expertise" literária; de acreditar que sou uma impostora das letras; macaca amestrada para repetir lugares comuns da literatura somente para receber uns biscoitos e alguns tapas nas costas (ou nas nádegas). Tantos os "universais" como os "extra-periféricos" me ajudam a encontrar rotas de escape, para romper o molde.

Acho que é disso é o que tenho mais medo, da "impostura", de que minha voz não soe a minha voz, de todas a vozes que se decantaram em mim porque me habitam. Para que finalmente possam me comprar me, colocar-me no pelourinho, me fazer repetir "sim senhor" e roubar-me o respiro. Vivo muito consciente de que podem conseguir, mas já não me tiram o sono. Não vou deixar. Não vai ser tão fácil.

Eu conto este conto para vocês, os que querem ler este texto longo sem fotos minhas, tomando um chá em Bruxelas, ou brigado com alguém por "*feisibuk*", caso algum dia toparem com uma jovem escritora afrodescendente do futuro. Aposto que sim, se toparão, porque haverá muitas. Conte a elas, da minha parte, que não tenha medo de seu desejo de escrever. Que não é verdade que vai morrer de fome e que ninguém a lerá. Que cabe a ela ganhar milhões de leitores, mais os prêmios literários não nos deram, ou melhor ainda, que nem sequer anseiem por eles, porque, se se propõem, organizarão junto a esses milhões de leitores pretos, retintos,

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20834
Tradução
Data de publicação: 27 de setembro

neojibaros[1], sarará, chineses, indianos, imigrantes, quilombolas, nossos próprios prêmios literários, segundo nossos critérios de excelência e honestidade artística, esses prêmios que fazem falta.

Conte a elas que sempre é possível escapar do pelourinho. Certo que a liberdade literária dá trabalho. Tem que atirar pedras e correr para as montanhas. Tem que visitar escola, ir aos povoados mais distantes, ajudar a escapar outros acorrentados a forma e ao prestígio, sentir as pessoas, tentar chegar aos festivais "periféricos", e até mais longe, se puder. Conte a elas que tem que precisam suar, suar, suar até que encontre suas leitoras. Essas leitoras e leitores terão a sua mesma pele (a maioria das vezes, mas cuidado, pois cada vez mais brancos escapam de suas armadilhas), mais ou menos sua mesma procedência e sentem a sua mesma fome. Conhecê-las as salvará. Diga que abracem a esses leitores e que cuide deles como se fossem ouro, e são. Que leve para casa um pouco do brilho de seus olhares. Que falem com elas e com eles, escutando suas histórias, isso que não aparece em nenhum livro.

Então, que escrevam.

Que nunca permitam que nos convertam a todos em caricaturas do que fomos uma vez, que não deixem que nos roubem o respiro, nem a humanidade.

Nem a eles nem a você. Sim, você mesma, escritora afrodescendente do futuro, ouviu garota?

1ro de setembro de 2026

Mayra Santos-Febres

San Mat de Cangrejos, San Juan, Puerto Rico

1 Jibaro – Grupo étnico de indígenas, no contexto porto-riquenho também pode ser entendido como camponês.